

Miika na vida real



intrínseca

EMIKO JEAN

EMIKO JEAN

**Mika
na
vida
real**

Tradução de
Mayumi Aibe



Copyright © 2022 by Emiko Jean and Alloy Entertainment, LLC. Publicado em acordo com a Folio Literary Management, LLC e Agência Riff.

TÍTULO ORIGINAL
Mika in Real Life

COPIDESQUE
Beatriz Araújo

REVISÃO
Wendy Usuki

PROJETO GRÁFICO
Tai Blanche

PADRÃO DE CONFETES
Anastasiia Gevko/Shutterstock.com

ADAPTAÇÃO DE PROJETO E DIAGRAMAÇÃO
Juliana Brandt

ILUSTRAÇÃO E DESIGN DE CAPA
Vi-An Nguyen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J47m

Jean, Emiko

Mika na vida real / Emiko Jean ; tradução Mayumi Aibe. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

Tradução de: Mika in real life
ISBN 978-85-510-1054-9



1. Romance americano. I. Aibe, Mayumi. II. Título.

24-87759

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ
CEP 22640-904
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Yumi e Kenzo,
por me inspirarem a escrever isto.

Querida Penny,

Chovia no dia em que você nasceu. Do lado de fora da maternidade, o céu estava cinza e havia uma placa com os dizeres: ANIVERSÁRIOS SÃO NOSSA ESPECIALIDADE. Foquei nela durante o parto, enquanto a médica e as enfermeiras gritavam ao meu redor. Uma delas berrou: “Falta pouco!”

Estremeci, me concentrei e fiz muita força, querendo que acabasse logo. Gritei. Fiz mais força. A médica puxou. E lá estava você. Lá. Estava. Você. Erguida em um feixe de luz forte.

Um silêncio terrível se seguiu, um segundo angustiante que se prolongou até a eternidade, como se você estivesse decidindo como seria sua chegada ao mundo. Por fim, você abriu o berreiro, tão alto e estridente que até a doutora comentou: “Essa daí já tem um monte de coisas para falar.” No fundo, fiquei feliz com a fúria em sua voz. Era um bom sinal, eu acreditava. Você não seria silenciada com facilidade.

A médica cortou o cordão umbilical, então estendi os braços e te segurei com cuidado. Por um instante, esqueci que não ficaria com você. Fiquei encantada com suas mãozinhas, o cabelo preto, sua boca bem desenhada, o nariz que lembrava o focinho de um boi quando as narinas se abriam. Meu corpo tinha um propósito, e era dar à luz você. No intervalo de uma única respiração, eu desmoronei e me reergui.

O que veio depois foi uma sequência de pontos, roupas de cama limpas e muita comida. Hana estava lá, ela esteve comigo desde o começo. Uma enfermeira olhou para mim e para Hana, para nosso rostinho de dezenove

anos, percebendo o quanto éramos assustadoramente novas, e fez um som de reprovação com a boca. “Bebês tendo bebês”, disse ela. Era fácil traduzir o que ela realmente queria dizer: que meninas burras e irresponsáveis. Ela viu Hana usar o cardápio do serviço de quarto como se fosse uma máquina de vender bebidas e guloseimas, pegar escondido pratos em formato de rim e encher os bolsos de absorventes. Mas não viu Hana me ajudar a tomar banho depois de eu ter ficado tonta ao tentar me levantar. Não me viu chorar no banheiro, enquanto eu murmurava “desculpa” sem parar e Hana ensaboava meu corpo com movimentos circulares, lavava minhas axilas e entre minhas pernas com delicadeza. Também não viu o jeito com que Hana reagiu sorrindo, como se aquilo não fosse nada de mais.

A sra. Pearson, a assistente social que estava cuidando do processo de adoção, entrou no quarto quando eu estava secando meu cabelo. Ela tirou uma papelada da bolsa. Já estava tudo preenchido, eu só precisava assinar. Sinos badalaram, ecoando pelo corredor do hospital. Uma música chamada “Breath of Life” tocava toda vez que um bebê nascia. Assim que peguei a caneta, Hana apertou minha mão. “Tem certeza?”, perguntou ela.

Só consegui assentir. Respirar. Passei as páginas e assinei meu nome de qualquer jeito. Ignorei os barulhinhos que você fez enquanto dormia. Ignorei o cheiro de antisséptico impregnado no quarto. Me concentrei na seta rosa-neon indicando o último lugar onde eu deveria assinar. Acima, havia um aviso em negrito: **No ato da entrega, a certidão de nascimento original será cancelada e uma nova certidão de nascimento será emitida** — uma com o nome de seus pais adotivos.

Assinei, me apagando de sua vida. Pronto.

Depois, segurei você pela última vez. Desenrolei o cueiro e beijei seus dez dedinhos, suas duas bochechinhas e seu narizinho. Por fim, pus a mão em seu peito. Você estava quentinha, e senti que me julgava. “Desculpa”, sussurrei, pedindo perdão pelo que eu queria, mas não podia fazer. Eu segurei você bem pertinho por mais um minuto. E então deixei que te levassem. Deixei a sra. Pearson levar você embora.

Não consegui olhar. Em vez disso, baixei a cabeça e me agarrei à lembrança da primeira vez que vi você em uma ultrassonografia — barrigudinha, mexendo a mão, o cordão umbilical flutuando —, uma pequena mergulhadora. Me senti como um daqueles filhotes que ficam se debatendo na beira da praia e encalhando todas as vezes, falhando miseravelmente. Não queria que você nadasse em vão. Queria que chegasse ao mar aberto, que mergulhasse fundo — que traçasse uma linha única, reta e perfeita na sua vida.

A porta se fechou. Eu me lembro do estalo baixo, o som de você indo embora. Quando você se foi, o quarto do hospital ficou tão vazio; pensei que fosse morrer de solidão. Outra pessoa ia te ver dormindo. Outra pessoa ia tocar em seu peito para ter certeza de que você estava respirando. Chorei tanto que Hana achou que meus pontos fossem abrir.

É isso. Todos esses momentos ainda vivem dentro de mim. Você ainda vive dentro de mim. A metade de cada respiração minha, um quarto de cada batimento cardíaco meu são seus. Acho que é isso que acontece quando temos filhos: eles levam um pedaço da gente.

Naquele dia, não pensei no futuro. Não pensei nos Calvin, seus novos pais, no quão brancos eles eram. Quem lhe ensinaria a ser um corpo de pele amarela nos Estados Unidos? Não pensei no que lhe diria caso me procurasse e perguntasse: “Por quê? Quem é você? Quem sou eu?” É claro que eu sonhava em fazer parte de sua vida, mas do mesmo jeito que alguém faz um pedido para uma estrela ou faz um jogo na loteria. Nunca imaginei que fosse realmente acontecer. Assim como nunca imaginei que voltaríamos ao mesmo hospital — você, com dezesseis anos; eu, com trinta e cinco — ou que, dessa vez, você estaria na cama, e eu estaria me desculando mais uma vez.

Me desculpe, Penny. Estraguei tudo. Magoei você.

Não posso prometer que nunca mais vou te magoar. A verdade é que não posso te prometer muita coisa. Mas, *mesmo assim*, o pouco que tenho é seu. Não importa o que aconteça. Se você me perdoar ou não. Quero que saiba que sempre estarei aqui. Como qualquer pai ou mãe, estarei aqui, esperando minha filha voltar para casa.

Mika

Sete meses antes...

Capítulo UM

Demitida.

Mika hesitou por um instante.

— Desculpa, o quê? — perguntou a Greg.

Eles estavam no escritório dele, que era tão pequeno quanto uma caixa de fósforo. Na verdade, não era nem um escritório. Era um cubículo construído na grande sala de xérox na Kennedy, Smith & McDougal Advogados. Mas Greg ostentava o cantinho minúsculo como se fosse o escritório da presidência no trigésimo andar. Ele até o decorou — um bonsai no canto da mesa e uma espada barata de samurai pendurada torta na parede. Greg era branco e se autointitulava amante da cultura japonesa. Em mais de uma ocasião, tentou conversar com Mika em japonês, mas ela não quis — ela era fluente, só não queria falar com ele. Então, pois é, esse tipo de cara.

Greg se recostou na cadeira.

— Não deveria ser nenhuma surpresa — disse ele, entrelaçando os dedos e colocando-os embaixo do queixo. — Sem dúvida, você ouviu os boatos.

Mika assentiu, de modo vago. Um sócio sênior que atraía muitos clientes fora trabalhar em outra empresa fazia pouco tempo, então a participação nos lucros diminuiu. Ela gesticulou, inconformada.

— Mas eu ganho vinte dólares por hora.

Uma merreca comparada ao salário dos demais funcionários. Será que os donos achavam que demitir uma assistente faria alguma diferença no bolso deles?

Greg deu um tapinha no ar, despreocupado.

— Eu entendo — afirmou ele. — Mas sabe como essas coisas funcionam, a última pela ordem hierárquica...

A voz dele foi sumindo aos poucos.

— Por favor. — Mika odiava implorar, sobretudo para Greg.
— Preciso desse emprego.

Ela gostava de trabalhar na Kennedy, Smith & McDougal. Era fácil. Pagava bem. Dava para arcar com o aluguel e as contas, e ainda sobrava um dinheirinho para fazer o supermercado, que gastava quase todo em variedades de queijos suaves. Além disso, o escritório ficava perto do museu. Ela ia até lá no horário do almoço e, enquanto fazia a digestão, contemplava Monets e passeava pela seção de antiguidades, bem tranquila.

— E Stephanie?

A outra tinha sido contratada depois de Mika.

— Stephanie tem mais experiência como assistente jurídica que você. O fator decisivo foi quem apresentava melhores recursos para a empresa. Olha, tenho certeza de que você vai achar outra coisa. Infelizmente, não vai poder receber o seguro-desemprego, já que está aqui há menos de um ano. Mas vou falar muito bem de você caso precise.

Greg começou a se levantar. Fim de papo.

— Aceito uma redução salarial — soltou Mika.

Em seguida, ficou olhando fixamente para o chão, onde seu orgulho estava. Ela não conseguia se conformar. Lágrimas ameaçaram rolar. Trinta e cinco anos e demitida de mais um emprego. De novo.

Greg balançou a cabeça.

— Não... Sinto muito, Mika. Não vai adiantar. Hoje é seu último dia.



O cheiro fraco de pipoca velha. As velas que traziam equilíbrio emocional na liquidação. O que havia de especial naquela loja que atraía Mika? Ela parou na seção de itens para a casa e examinou uma almofada bordada com a frase DINHEIRO PODE COMPRAR UMA CASA, MAS NÃO UM LAR. Do outro lado da linha, Hana riu.

— Então, deixa eu ver se entendi direito. Ele te chamou para sair enquanto demitia você?

— Logo depois — corrigiu Mika.

Greg havia acompanhado Mika até a mesa dela, observado enquanto ela arrumava suas coisas e, *depois*, perguntado se ela gostaria de ver um filme à noite ou, quem sabe, ir ao Festival das Flores de Cerejeira na universidade, no fim de semana seguinte. O misto de humilhação e raiva foi profundo.

Hana soltou outra gargalhada.

Mika deu um sorrisinho.

— Por favor, não começa. Estou num momento muito vulnerável agora.

— Você está na Target, isso, sim — retrucou Hana.

Mika inclinou a cabeça, contemplando a almofada. O design era de um casal que ficou podre de rico fazendo com que casas novas parecessem antigas. O segredo estava nas paredes revestidas com painéis de madeira. A almofada poderia ser dela por 29,99 dólares.

— Nunca imaginei que seria demitida e assediada no mesmo dia. Essa foi novidade.

Mika ignorou a almofada e foi até a seção de vinhos. Sua carteira estava quase vazia, mas ela precisava de uma garrafa de vinho de cinco dólares.

Hana soltou um som de empatia.

— Poderia ser pior. Lembra quando você foi demitida daquela loja de donuts por guardar uns no congelador para comer entre um pedido e outro?

— Isso foi na época da faculdade.

Mika prendeu o celular entre a orelha e o ombro. Após escolher o vinho, foi para a seção de comidas e encheu a cesta de biscoitos de queijo. Muito chique.

— E quando você era babá e foi demitida por botar as crianças para ver *O Iluminado*?

— Elas pediram uma história de fantasma — justificou-se.

— E aquela vez que você escreveu uma fanfic pornô de *O Predador* e deixou o arquivo aberto no computador do trabalho?

Uma expressão de dúvida surgiu no rosto de Mika.

— Isso nunca aconteceu.

Hana riu de novo. Mika esfregou a testa, sentindo como se tivesse caído de uma árvore, batido em todos os galhos durante a queda e parado em um buraco com cobras e ursos.

— O que eu vou fazer agora?

— Não sei. Mas estamos juntas nessa. Hoje de manhã descobri que os caras do Pearl Jam escolheram Garrett para a tour de verão deles. — Hana era intérprete da Língua de Sinais Norte-Americana e trabalhava para bandas de rock, e Garrett, que recentemente saíra do ramo de música alternativa cristã, estava invadindo seu território. — Provavelmente vou fazer um bando de shows do Earth, Wind & Fire. Que desgraçado esse Garrett. Vem pra casa. Vamos comer e beber juntas e afogar as nossas mágoas.

— Estou indo.

Mika desligou e jogou o celular na bolsa. Um minuto se passou enquanto ela perambulava pela loja. O celular tocou. Talvez fosse Hana de novo. Ou a mãe de Mika, Hiromi, que já havia lhe mandado uma mensagem de manhã: *Acabei de passar pela igreja e conheci um novo membro da congregação. O nome dele é Hayato, trabalha na Nike. Passei seu número para ele.*

O celular tocou de novo. Alguns dias, Hiromi ligava duas, três vezes seguidas, o que a deixava apavorada. Na vez anterior, Mika tinha atendido ofegante, enquanto pegava as chaves, pronta para ir até o hospital.

— O que houve?

— Nada — respondera Hiromi. — Por que está tão ofegante? Quería te avisar que o frango está em promoção no mercado...

Mika ouvia, ficando cada vez mais estressada.

— Você não pode ligar tantas vezes assim. Achei que tinha acontecido alguma coisa — reclamara ela.

Hiromi ridicularizara a reação.

— Desculpe se não estou morta o suficiente para você.

O celular continuava tocando. Mika pescou o aparelho na bolsa e olhou para a tela. Número desconhecido.

Curiosa, arrastou o dedo na tela para atender.

— Alô?

Ela franziu a testa. *Merda*, pensou, tarde demais. Poderia ser o cara da igreja, Hayato. Foi inventando logo possíveis desculpas para dar. *Minha bateria está morrendo. Eu estou morrendo.*

— Ai, caramba! Você atendeu! Não tinha certeza se ia atender! — exclamou uma voz jovem, bastante animada. A linha ficou abafada, como se a pessoa tivesse tampado o microfone do celular com a mão. — Ela atendeu. O que eu faço? — perguntou a voz para alguém ao fundo.

— Alô? — falou Mika, mais alto.

— Foi mal, minha amiga Sophie está aqui. Sabe, para dar um apoio moral? Estou falando com Mika Suzuki?

— Sim. — Mika colocou a cesta no chão, ao lado do pé. — Quem está falando?

— Penny. Penelope Calvin. Acho que sou sua filha.



Mika conseguiu continuar segurando o celular, mesmo quando seus braços ficaram completamente moles. Mesmo quando seu sangue correu mais rápido em suas veias e quando sua vista ficou embaçada e, em seguida, perdeu sua visão periférica. Mesmo quando ela foi transportada ao passado, ao hospital, a Penny recém-nascida. As lembranças daquele dia vieram em lampejos assustadores. Segurar Penny. Beijar sua testa. Pentear para trás seu cabelo com a mão para colocar um gorro fino, listrado de azul e rosa. Tudo tão insustentável e bonito.

— Ainda está aí? — indagou Penny. — Não estou confundindo com outra Mika Suzuki? Entrei num desses sites de rastreamento e fiz uma assinatura. Usei o cartão de crédito do meu pai

para ter um teste grátis. Ele vai me matar se descobrir! Mas está tudo bem, vou cancelar antes do dia da cobrança.

Ficou um silêncio. Penny estava esperando Mika dizer alguma coisa. Ela fechou os olhos por um momento, então os abriu.

— Isso foi muito inteligente — murmurou.

Mika tremia. Sentar. Precisava se sentar. Tropeçou em uma cadeira de plástico para áreas externas às suas costas e se apoiou no braço dela para recuperar o equilíbrio, suas juntas ficando brancas. Como ela foi parar na seção de jardinagem?

— Foi, né? Meu pai sempre fala: “Quem dera se você usasse seus poderes para o bem!” — Penny baixou uma oitava na voz para imitar o pai. Mika quase sorriu. *Quase*. — Então, não estou confundindo com outra Mika Suzuki, né? Não existem muitas no Oregon. As outras duas opções eram mais velhas. Quer dizer, acho que poderiam ser minha mãe biológica. Tipo, uma mulher não teve gêmeos aos cinquenta anos? Mas eu tinha quase certeza de que era você... Ainda está aí?

Mika suave, o celular estava escorregando em sua orelha. Ela inspirava e expirava. Inspirava e expirava.

— Estou, sim.

— E você é a Mika Suzuki? Que deu um bebê para a adoção dezesseis anos atrás?

Suas têmporas começaram a latejar.

— Sou. Dei, sim.

A garganta de Mika estava seca. No fundo, ela sonhava com esse momento. O dia em que poderia ouvir a voz da filha. *Falar com ela*. Às vezes, a fantasia beirava o delírio. Ao longo dos anos, achou que tinha visto Penny umas duas vezes. O que era ridículo. Sabia que Penny morava no Meio-Oeste, mas sempre que avistava uma garotinha de cabelo escuro e com uma franjinha escorrida, Mika se enchia de certeza. Sentia um puxão invisível. *É a minha filha*, pensava, mas quando a menina se virava, Mika percebia que o nariz não tinha nada a ver ou os olhos eram verdes, e não castanho-escuros, e a decepção tomava conta dela. Não era Penny. *Era uma impostora*.

Mika soltou a cadeira; as pernas ainda bambas conforme se levantava. Começou a perambular pelos corredores. Precisava se mexer. Isso a ajudava a raciocinar, a mantê-la no presente. Ajudava a exorcizar a torrente de emoções que se formava.

— Que incrível! — exclamou Penny, em um tom estridente.

— Não acredito que você me achou — disse Mika.

Ela ainda estava atordoada. Passou por um mostruário de comprimidos de magnésio que vinham em frascos roxos.

— Não foi difícil. Seu nome é superúnico e maneiro. Eu queria ter um nome japonês.

Penny soltou um suspiro melancólico.

— Ah — respondeu Mika, sem saber o que dizer.

O nome de Penny foi escolhido por ela. Mika fez muita questão de escolher, insistiu que constasse no contrato. *Minha filha pode ser sua, mas o nome dela, não.* Embora a sra. Pearson tenha se esforçado para que a adoção não parecesse muito uma transação, certos aspectos são incontornáveis. Havia advogados. Negociações. Uma burocracia inflexível que favorecia um pouco mais a família adotiva. Mas o nome... O nome pertencia a Mika. No começo, ela pensou em Holly — nome de uma planta que floresce no inverno. No Japão, é uma tradição escolher o nome da criança baseado nas expectativas dos pais em relação a ela. O nome de Mika em kanji significava “bela fragrância”. Para Mika, isso dizia muito sobre como sua mãe a enxergava. Um acessório. Algo feito para atrair. Ela não queria isso para sua filha. Assim, Mika acabou escolhendo Penelope, da *Odisseia* de Homero, cujo significado é tecelã. Era um nome forte, resiliente e ambicioso: combinava com a vida que ela desejava para a filha. Com a pessoa que, na visão de Mika, a menina poderia ser. Com a família à qual poderia pertencer.

Ela também esperava que um nome de sonoridade mais norteamericana facilitasse a vida de Penny. Mika tinha anos de experiência com erros de pronúncia ou grafia de seu nome. Já perdera a conta de quantas vezes havia sido chamada de Mickey. Ela queria

que Penny passasse despercebida. Mas não parecia a hora certa de explicar tudo isso. Portanto, mudou de assunto.

— Fiquei muito triste quando soube da sua mãe.

Cinco anos antes, quando a sra. Pearson lhe informou que Caroline Calvin tinha câncer terminal, ela implorou para que a colocassem em contato com Penny, jurou que sentia a dor da filha prensando sua pele, como um ferro quente de passar roupa.

— Ela precisa de mim — dissera Mika.

— Vou tentar — respondera a sra. Pearson.

E então Thomas Calvin negou o pedido.

— Sinto muito, Mika — afirmara a sra. Pearson. — Caroline não tem muito tempo. Câncer. Estágio quatro. Tudo muito repentino. Ele quer que sejam só os três nesses últimos dias.

— É. — A voz de Penny ficou mais baixa. — Foi uma época ruim. Faz cinco anos. Nem consigo acreditar que já faz tanto tempo.

O silêncio tomou conta da ligação de novo. Mika continuou andando sem rumo. Dentro dela, havia um misto de sentimentos. Passou pelo corredor dos testes de gravidez. Quase dezessete anos antes, ela revirara o carro de Hana atrás de dinheiro para comprar um teste em uma loja de 1,99; depois, fez xixi no palitinho, no banheiro de um mercado próximo. Mal tinha terminado de se secar quando as duas linhas rosa apareceram, quando seu mundo desmoronou.

Mika se deu conta de que estava calada havia muito tempo.

— Sua mãe escreveu cartas para mim, me enviou pacotes com fotos suas, desenhos que você fez. Ela tinha uma letra bonita — soltou.

Mika não sabia muita coisa sobre o casal que havia adotado Penny. Eles foram escolhidos em meio a dezenas de *scrapbooks* com o perfil das famílias. Ela costumava olhar as fotos dos futuros pais de Penny. Em uma delas, Thomas, advogado especializado em direitos autorais, estava na faculdade com o time de remo. Ela se concentrava nas mãos dele, que envolviam os remos, na testa franzida, nos olhos verdes. *Ele é forte*. Mika se lembrava de pensar

isso. Ele defenderia Penny. Em seguida, olhava Caroline, com um moletom da faculdade, estampado de letras gregas, toda sorridente. Era fácil imaginá-la sorrindo daquele jeito para Penny, dizendo coisas maravilhosas, como: “Tenho tanto orgulho de você. Sou tão feliz por ter você. Eu iria até o fim do mundo por você.”

— Ela tinha uma letra bonita mesmo. Era perfeita — concordou Penny, de um jeito caloroso. Mika não ficou surpresa. Caroline parecia perfeita em todos os sentidos. — A minha é um garrancho. Sempre quis saber se isso era algo genético... Será?

Mika achava que não, mas ansiava por uma conexão com Penny, por qualquer coisa que possibilitasse um vínculo entre elas.

— Minha letra também é horrível.

— É mesmo?

Um tom de esperança na voz de Penny.

Mika diminuiu o passo e acalmou-se um pouco.

— Gosto de pensar que tenho minha própria fonte. Se chamaria “café e donuts em excesso”.

Penny riu. Era um som agradável, encorpado e sincero. *Sua filha.*

— Ou “arrume sua bagunça”.

Enfim, Mika parou no corredor do sabão em pó. Não havia ninguém ali. Ela inclinou a cabeça para trás, sentiu o cheiro de roupa lavada. Achava que, com o tempo, talvez a lembrança de Penny, do que aconteceu antes, fosse se esvaír, mas só ficou mais nítida em contraste com os borrões de lembranças menos importantes dos anos que se seguiram. A formatura da faculdade, o primeiro emprego, até uma parte da gravidez: o relógio incessante da vida havia aparado todas essas arestas. Mas Penny, a bebê, *a bebê de Mika*, permaneceu, como uma mão marcada no concreto. Quem dera ela soubesse na época o que sabia agora. Que acordaria todos os dias e pensaria em Penny. Em quantos anos a menina tinha. Quais roupas estaria usando. Na pessoa para quem estaria sorrindo. Que seu amor lutaria com unhas e dentes, relutante em se desapegar.

— Está tudo bem?

Uma mãe com duas crianças virou no corredor.

Mika se endireitou na hora.

— Ótimo. Estou ótima.

O menino estava com o rosto todo sujo de chocolate. Ele passou a língua vagarosamente em volta dos lábios. A mãe esperou Mika se mexer para passar.

— Tem alguém aí com você? — perguntou Penny.

— Não. Estou fazendo compras. Na Target.

Mika falou sem pensar direito. Ela teve vontade de dar um soco na própria cara. *Com força*. O que Penny ia pensar? Uma mulher adulta na Target, em uma quarta-feira à tarde. Será que ela ia se questionar por que Mika não estava no trabalho?

Penny xingou baixinho.

— Foi mal. Eu deveria ter perguntado se estava podendo falar. Melhor você ir.

Mika não gostou de ouvir isso. A ameaça de um novo rompimento desse elo ínfimo e tênue. Será que Penny também sentia? Esse fluxo de êxtase, como uma energia entre as duas.

— Não. Não tem problema.

— De qualquer forma, eu preciso ir. Meu pai vai chegar em casa daqui a pouco.

Não. Continua falando. Eu te escutaria ler até Guerra e paz. Ela reprimiu a vontade repentina de chorar.

— Claro. Foi legal falar com você.

Mika saiu da loja. O céu estava cinza — primavera em Portland. Dois corvos reviravam o lixo no estacionamento. Ela piscou e, quando fechou os olhos, viu outro par de corvos. De muitos anos antes, brigando pela melancia de um pote jogado fora. Ela afastou a lembrança.

— Se um dia precisar de qualquer coisa. Se um dia eu puder fazer qualquer coisa...

— Na verdade... — Deu para escutar a expiração de Penny. — Eu queria continuar a conversa. Queria te ligar de novo. Talvez até uma videochamada? Seria legal nos vermos.

— Ah — soltou Mika, espantada demais para respirar, nervosa demais para acreditar. Penny a queria. Penny *a* queria. E Mika sentiu um anseio tão grande que teve medo de desmoronar. Então respondeu no impulso, com um desejo devastador. — Sim, claro. Vou adorar.

Capítulo DOIS

Mika voltou para casa dirigindo, completamente abalada. Não se lembrava de ter colocado a chave na ignição, dado partida no carro, deixado o estacionamento, nem dos postes, da seta dos carros, das curvas, tampouco de ter parado o carro rente ao meio-fio. Então, ficou sentada ali mesmo, no banco do motorista, com o motor desligado. Pingos de chuva salpicavam o para-brisa.

— Penny — sussurrou no silêncio.

Dizer o nome de sua filha em voz alta parecia uma oração, um segredo, um sino tocando, chamando-a de volta para casa, para jantar.

— Penny, Penny, Penny — repetiu, sem parar.

Ao sair do carro, sorria de orelha a orelha.

Várias ervas daninhas e plantas com espinhos despontavam de uma cerca branca, que estava lascada e descascando. Mal dava para enxergar o caminho até a porta. A casa era em estilo *cottage*. Uma das venezianas pendia para o lado, presa por um único prego. *Feia* era um eufemismo para ela. Mika destrancou e empurrou a porta... só que... algo a bloqueava. Depois de resmungar muito, ela entrou empurrando as caixas que estavam ali, afastando-as para longe.

A irritação acabou com a alegria.

— Nossa. Você acordou hoje e falou: “É hoje que vou levar essa merda de acumulação para outro patamar e montar uma barricada até acharem só meu esqueleto daqui a vinte anos”? — reclamou Mika.

Hana continuou vidrada na televisão; em seu colo, havia metade de um pedaço de bolo.

— Que estranho. Foi exatamente isso que falei para mim mesma. Você demorou. — Hana enfiou um pedaço de bolo na boca. —

Comecei sem você. E fiquei aqui pensando... Acho que deveríamos pegar um cachorro e ensinar a ele que “cocô” significa “Garrett”. Tipo, em vez de falar “faz cocô”, a gente fala “faz Garrett”. Aí eu filmo e mando para ele. — Ela levantou o olhar. — Cadê o vinho?

— Sem essa de cachorro. Sem essa de filmar. Sem essa de mandar para o Garrett. E esqueci o vinho.

Mika contornou caixas fechadas e plantas mortas e tirou uma pilha de revistas da cadeira para se sentar. Por um tempo, Hana conseguiu controlar o hábito de colecionar coisas compulsivamente. Ela comprou a casa com a namorada, Nicole. As duas eram felizes e costumavam encher a casa de achados garimpados em brechós e bazares na vizinhança. Até adotaram um cachorrinho. E aí Nicole a traiu. Hana ficou com a casa. Nicole ficou com o golden retriever. Mika, que tinha acabado de terminar com Leif e estava com pouca grana, ofereceu-se para ir morar com Hana. Juntas, afogaram as mágoas em vinho e comida cara de delivery e concordaram que a amizade delas era muito melhor do que a relação que tinham com os respectivos ex-parceiros. Elas se entendiam. Mika não se importava com o fato de Hana fazer compras na internet como se fosse seu dever patriótico. Hana não ligava para o histórico de péssimos empregos de Mika. Ninguém era perfeito. Aceitar os defeitos uma da outra foi o pilar no qual a amizade delas foi construída.

Portanto, Mika não ficou incomodada ao ver Hana no sofá, reclamando de um colega de trabalho e vendo...

— *Monster: Desejo Assassino*? É sério que está vendo *Monster*? Um filme sobre lésbicas serial killers?

Mika encontrou o controle remoto no meio das latas de Red Bull e Mountain Dew. Desligou a TV.

— Ei — exclamou Hana.

— Tem muita coisa para ser analisada aqui. — Ela fez um gesto circular para abranger a sala e aquela situação envolvendo acumulação de coisas, bolo e o filme *Monster*. — E estou sem tempo. Preciso te contar uma coisa.

Hana ajustou a postura e deixou o bolo de lado.

— Estou curiosa.

Havia um pouco de glacê no cropped de roller derby dela.

— Penny ligou.

— Rá! — Hana deu uma risada. Em seguida, olhando para Mika, disse: — Puta merda. Você está falando sério.

Mika só conseguiu assentir. Sentiu um frio na barriga só de lembrar.

— Ela tem cheirinho de recém-nascido — sussurrara Hana no hospital, enquanto segurava Penny após o parto e a acariciava, com a bochecha encostada na da bebê.

Hana se recostou.

— Caramba. Pesado.

— Nem fala.

Mika abriu a boca para dizer algo, mas seu celular vibrou: uma mensagem. *Penny de novo?*

— É ela?

Hana se aproximou, lendo o pensamento de Mika.

Mika conferiu.

— Não, é a Charlie. — Ela leu a mensagem. — Ela está pensando em comprar um retrato de Lego, em tamanho real, para Tuan.

Tuan era o marido de Charlie.

Hana revirou os olhos.

— Ignora. Como Penny te achou?

Hana pegou uma caixa de madeira na mesinha de centro e a abriu. Havia um saquinho de plástico com maconha dentro e algumas sedas. Ela começou a bolar um baseado com seus dedos longos.

Mika deu de ombros.

— Foi pela internet, Penny explicou. Dá para encontrar qualquer um hoje em dia.

Mas ainda assim... como foi que Penny a encontrou? Mika optou pela adoção sigilosa: sua identidade não deveria ser revelada e, em troca, ela receberia notícias anualmente. Qualquer coisa além

disso seria muito doloroso. Ela preferiu ficar com migalhas, ciente de que se empanturraria caso fosse diferente. Ela supôs que não fazia diferença se Thomas Calvin revelara seu nome para Penny ou se Penny se deparara com a informação ao fuçar as coisas dos pais. O importante era o aqui e o agora. A ligação de Penny para Mika. A vontade de Penny de conhecer Mika.

— Verdade.

Hana lambeu a seda e selou o baseado. A melhor amiga de Mika sabia mais do que ninguém quão fácil era encontrar pessoas na internet. Alguns anos antes, rastreara sua ex-professora do ensino fundamental — que dissera que sua pele tinha cor de “café com leite”. E era negra, com ascendência também vietnamita, húngara e irlandesa. E infernizou tanto a vida da mulher que ela abandonou as redes sociais.

Hana acendeu o baseado, deu um trago e passou para Mika.

— Como ela é?

Mika pinçou o baseado e mirou o teto. Havia uma rachadura que descia até a parede, dividindo-a. Ela tinha quase certeza de que havia algum problema na fundação da casa.

— Não sei. A conversa foi rápida. Ela é jovem, otimista, positiva. — *Uma força da natureza.* — Pegou o cartão de crédito do pai para usar o teste grátis do site de encontrar pessoas. — Mika deu um sorriso de lado para Hana e levou o baseado até os lábios. — Vai cancelar a assinatura antes que o pai descubra.

Mika devolveu o baseado para Hana.

— Isso me lembra nós duas. — Hana sorriu e deu um trago. — E aí? — quis saber, soltando a fumaça. — O que ela queria?

Mika mordiscou o lábio inferior. A porta de seu quarto estava aberta. A cama, toda bagunçada, e o edredom, na beirada do colchão. Não fazia sentido arrumá-la se ela ia voltar para debaixo das cobertas algumas horas depois. No chão, estava sua camiseta favorita, com estampa do Gudetama — um desenho animado dos mesmos produtores da Hello Kitty. Parecia uma gosma amarela, mas era um ovo preguiçoso.

— Ela quer me conhecer.

Mika olhou ao redor. Avaliou melhor o lugar a sua volta, sua vida, ela mesma, e se arrependeu no mesmo instante.

O que poderia oferecer a Penny? O que havia conquistado? Sua vida amorosa era quase inexistente. Uns namoradinhos, um relacionamento sério com Leif que terminou com uma lixeira em chamas. E sua vida profissional, que era tão instável quanto. Uma série de empregos frustrantes. Todos só para tapar buraco. Já havia pensado em si mesma como uma pedra quicando sobre águas nebulosas. O tempo passando sem consequências, sem reflexões, sem mudanças, enquanto se afastava cada vez mais da margem. Porém, um seixo nunca alcança o outro lado. Acaba afundando. *Quando foi que eu afundei?* Ela sentiu um frio na barriga.

— Falei que poderíamos conversar de novo, mas agora... Sei lá. Ela se sentiu desconfortável, como naquele dia no hospital.

— Discorra.

Hana apagou o baseado.

Mika desgrudou o olhar da bagunça da casa e se concentrou em seu colo. Quais eram os riscos de criar laços com Penny?

— Ela pode me odiar. Eu posso odiá-la — pensou em voz alta.

Mas Mika não conseguia se imaginar odiando Penny. Nunca. Penny poderia matar alguém, e Mika pegaria uma pá para enterrar o corpo. Sempre daria a Penny o benefício da dúvida. *Acreditaria nela.*

— Com certeza, ela tem perguntas. Muitas perguntas. Parece ser... persistente. Pode ser que queira saber sobre o pai biológico. Ela queria ter um nome japonês — continuou Mika.

Hana inspirou. Escorregou pelo sofá, para perto de Mika.

— É claro que ela está curiosa. Todos nós queremos saber de onde viemos. Mas ela só tem direito de ter essa informação quando você estiver pronta.

Sob pena da lei, Mika assinara um formulário atestando não saber nada a respeito do pai biológico de sua filha, como a idade e o local de moradia, ou a marca de nascença no formato do estado de Maine no peito dele.

— E se ela estiver com raiva de mim? — questionou, com uma voz fraca.

Hana respirou fundo.

— Posso dar um conselho que você não pediu?

— Isso nunca te impediu.

— Na época da traição da Nicole, Charlie sentou comigo e disse: “Há força em ir embora e em ficar.” — Hana deu um peteleco em umas cinzas no Joelho. — Tenho quase certeza de que ela tirou isso de um desses gurus de autoajuda.

Mika franziu a testa.

— Não estou entendendo.

— Estou querendo dizer que você teria sido forte se tivesse ficado com a Penny, mas também foi forte ao abdicar dela. E, se Penny for tão inteligente quanto está parecendo, não vai ligar para o que você fez, vai ligar para quem você é.

— E quem sou eu?

A pergunta de Mika soou como uma provocação. Ela pensou sobre seu currículo de vida pouco impressionante. Adepta do desemprego. Maconheira. Mãe biológica.

— Primeiro, você é leal — pontuou Hana, contando as descrições nos dedos. — Segundo, se preocupa com o outro. Terceiro, tem um coração maravilhoso. Quarto, é uma artista incrível, que sabe tudo sobre arte, principalmente coisas desinteressantes, como quais cavernas têm pinturas de pinto de homens pré-históricos. Quinto...

— Já está bom. — Mika levantou as mãos para interromper Hana. — Não estou emocionalmente pronta para isso.

Hana sabia a merda que isso poderia dar. Todo ano, perto do aniversário de Penny, uma encomenda chegava. Mika lia a carta de Caroline ou de Thomas, olhava fixamente para as fotos de Penny com a família feliz dela, passava os polegares pelos desenhos feitos pela filha com giz de cera e espalhava tudo a seu redor, em um abraço sufocante. Mika passava o dia inteiro na cama. Hana também. Ela se enfiava atrás de Mika e, sem dizer nada, a abraçava,

formando um casulo de lamento. Elas choravam juntas. Mika, por Penny. E Hana, por Mika.

— Quando é que a gente está preparada? É para isso que existem as emoções. Quanto menos se espera, mais intensas elas são. Essa é a beleza dos sentimentos.

— Que coisa idiota. — Mika encostou a cabeça na cadeira. A situação toda era avassaladora, de inúmeras maneiras. Mas Hana estava ali. Sempre esteve. — Amo sua fuça — disse ela para a melhor amiga.

Aquelas três palavras eram o mantra delas desde que se conheceram, no primeiro ano do ensino médio de uma escola de ensino alternativo, o tipo de instituição para a qual os pais mandam seus filhos quando não têm grandes expectativas sobre eles. Assim que viu Hana, Mika sentiu uma conexão forte. Ambas eram galhos rebeldes crescendo na árvore genealógica de suas famílias.

— Amo sua fuça também.

Mika tateou o assento, procurando o celular. Pouco antes de desligar, Penny tinha passado seu número para ela. E agora Mika escrevia uma mensagem para a filha: *Animada para a videochamada. Que horas você pode?*

Pronto, foi. Colocou o celular longe. Batucou os dedos nas pernas. *Vai ficar tudo bem.* Outra recordação do hospital lhe veio. A de ver Penny pela primeira vez, aninhada nas mãos da médica. Sim, ficaria tudo bem. Como não ficaria? Penny e Mika eram uma história de amor desde o começo.

Autora do best-seller *Uma princesa em Tóquio* lança livro divertido e emocionante sobre maternidade e o verdadeiro significado de família

Aos 35 anos, a vida de Mika não poderia estar mais caótica. Seu último relacionamento não terminou nada bem. Há grandes chances de sua melhor amiga ser uma acumuladora. Ela sente que está constantemente decepcionando sua tradicional família japonesa. E, para piorar, Mika acabou de ser demitida.

Tudo parece estar dando errado, até ela receber uma ligação que não esperava: sua filha, Penny, que foi entregue para a adoção há dezesseis anos, uma garota esperta e persistente, que está determinada a construir uma relação com a mãe biológica e se familiarizar com suas raízes japonesas.

Mika passou anos imaginando esse momento e quase não consegue acreditar que as duas estão se conectando. Contudo, quando a garota diz que planeja visitá-la, Mika se dá conta de que está longe de ser a adulta responsável que a jovem acha que ela é, então decide forjar alguns aspectos de sua vida desastrosa.

O que começa com uma mentirinha inofensiva acaba se tornando uma grande bola de neve. Mika inventa uma existência completamente diferente da sua, em que ela é uma mulher madura e bem-sucedida na vida profissional e amorosa. Mas, apesar dos detalhes não serem verdadeiros, tudo o que compartilhou com Penny é real: seus desejos, sonhos, medos e relação com a cultura japonesa.

Agora, Mika precisa encontrar uma maneira de resolver essa bagunça e provar para a filha que seu amor por ela é sincero — tudo isso enquanto lida com seus traumas, o sentimento inesperado por Thomas, o pai adotivo de Penny, e sua relação conturbada com a própria mãe.

Será que Mika realmente pode ter um amor correspondido, sua filha, tudo o que sempre quis? Ou seu passado vai definir sua vida para sempre?

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/mika-na-vida-real/>